

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2014

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

## **A SEPULTURA CALCOLÍTICA DA GRUTA DA PONTE DA LAJE (OEIRAS)**

### ***THE CHALCOLITHIC INDIVIDUAL GRAVE OF PONTE DA LAJE CAVE (OEIRAS)***

João Luís Cardoso<sup>1</sup>

#### **Abstract**

In this article we present an individual grave found at the entrance of Ponte da Laje cave in 1958. The data discussion points out to the cultural meaning of the existence of an individual grave dated from early Chalcolithic, in the context of the collective graves of that period. The presence of two superimposed vessels, placed upside-down on the ground has a ritual meaning, which was valued and compared with other known examples.

*Keywords:* Chalcolithic, individual grave, Oeiras, Ponte da Laje, ritual deposition of vessels.

## **1 - INTRODUÇÃO. HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES**

A gruta da Ponte da Laje, ou dos Mouros situa-se na margem esquerda da ribeira da Lage, a pouca distância da ponte que lhe deu o nome já existente na época da primeira intervenção arqueológica, em 1879, a qual, entretanto, foi substituída por outra (Fig. 1). Abre-se em afloramento de calcários duros recifais do Cenomaniano superior (antigo Turoniano) (Fig. 2), muito fracturados por causas tectónicas.

Trata-se de uma cavidade cársica, caracterizada por uma galeria estreita e sinuosa, que acaba num pequeno nicho, com o comprimento máximo de aproximadamente 18 metros (ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957, Fig. 1). A entrada possui forma de ferradura e poderá ter sido afeiçoada (op. cit, p. 389), aproximando-se, com efeito, da morfologia das passagens observadas entre os corredores e as câmaras de algumas grutas artificiais, como as da Quinta do Anjo (Palmela), conforme se pode verificar ainda hoje.

O seu interesse arqueológico foi confirmado na década de 1870, aquando dos reconhecimentos geológicos realizados por Carlos Ribeiro na região a Norte e a Oeste de Lisboa, dos quais resultaram a identificação de diversas estações arqueológicas, de imediato exploradas e, na maior parte dos casos, então publicadas. É o caso dos monumentos megalíticos de Monte-Abraão, da Pedra dos Mouros, da Estria e de Agualva, a par do monumento de falsa cúpula do Monge, todos no concelho de Sintra (RIBEIRO, 1880); e das grutas naturais do Poço Velho e de Porto Covo, no concelho de Cascais.

No concelho de Oeiras, Carlos Ribeiro identificou, por essa altura, o povoado pré-histórico de Leceia, objecto de uma importante memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa (RIBEIRO, 1878). No tocante à gruta da Ponte da Laje, sabe-se a época da intervenção, realizada entre princípios e os finais de Maio de 1879, conforme etiquetas apostas em algumas peças (9 de Maio de 1879; 28 de Maio de 1879; 30 de

---

<sup>1</sup>Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

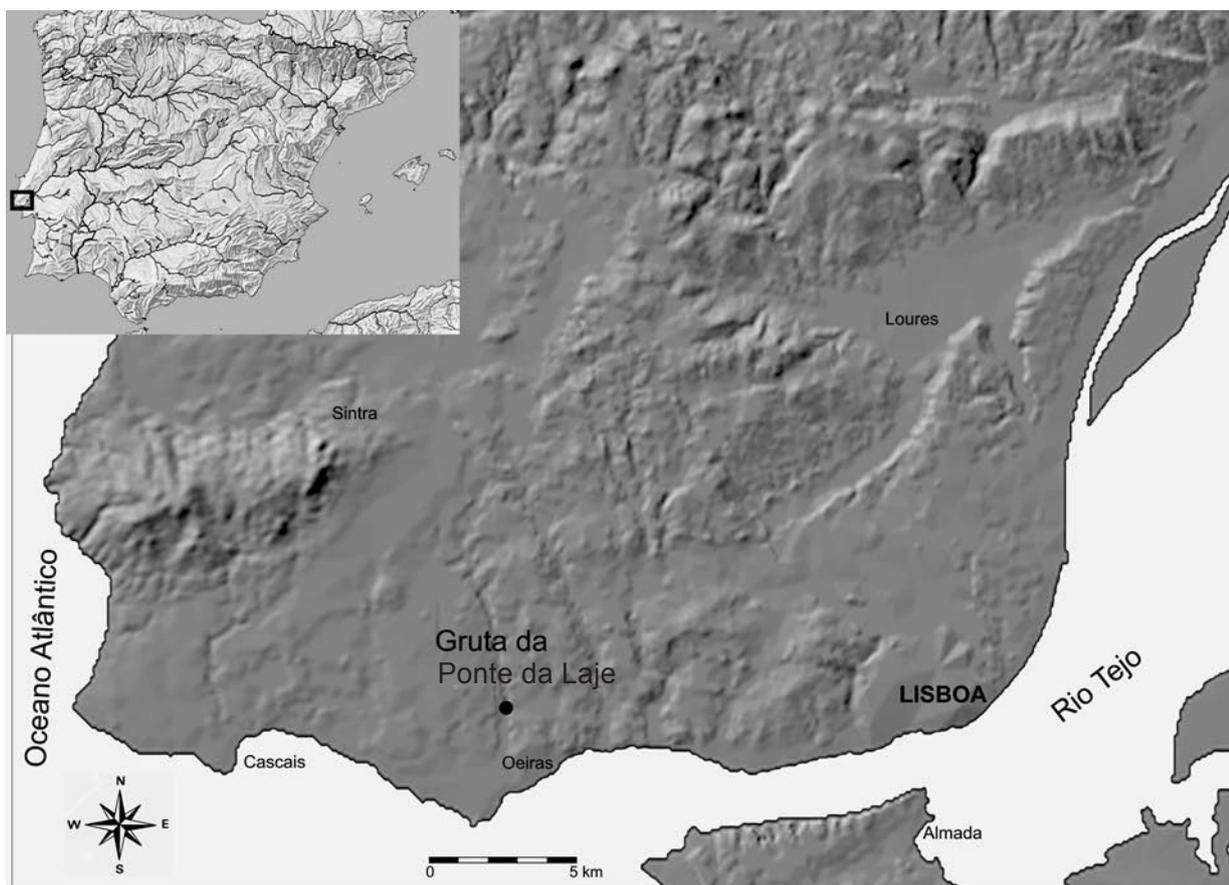


Fig. 1 – Gruta da Ponte da Laje. Localização geográfica.

Maio de 1879), as quais respeitam, não à data da sua inventariação, mas sim à da sua recolha no terreno (CARDOSO, 2013 a).

Os espólios resultantes desta exploração pioneira conservam-se no Museu Geológico do LNEG, aos quais se somam os obtidos nas explorações realizadas entre 3 e 15 de Novembro de 1958 por O. da Veiga Ferreira e colaboradores, ainda a tempo dos respectivos resultados serem apresentados em Dezembro daquele ano ao I Congresso Nacional de Arqueologia, tendo sido publicados nas respectivas actas (VAULTIER, ROCHE & FERREIRA, 1959). Contudo, o caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativo a esta intervenção (arquivo O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso), regista outras datas, mais fidedignas, para a dita intervenção de campo, que de facto se teria realizado entre 3 e 14 de Outubro de 1958.

Os motivos que estiveram na origem desta segunda intervenção justificam-se por ter sido recolhido por Carlos Ribeiro um conjunto de artefactos atribuíveis ao Mustierense e ao Paleolítico Superior, que só vieram a ser publicados muitos anos depois (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942); nestes termos, importava avaliar a possibilidade de ainda se conservar algum depósito intacto daquela época no interior da cavidade, o que não se verificou, confirmando-se que o interior da gruta fora quase completamente esvaziado no tempo de Carlos Ribeiro. Apenas a área adjacente à entrada, não escavada no século XIX, veio a revelar uma única tumulação, então atribuída ao Neolítico, encostada à parede da gruta, com um corpo depositado em decúbito dorsal, cujos espólios também se conservam no Museu do LNEG. Pelo seu interesse arqueológico, foi esta ocorrência objecto da presente reavaliação.



**Fig. 2** – Gruta da Ponte da Laje. Implantação em pequena cornija de calcários duros do Cenomaniano superior, da margem esquerda da ribeira da laje, em primeiro plano. Foto de G. Zbyszewski.

## **2 – A INTERVENÇÃO DE 1958**

Do caderno de campo de O. da Veiga Ferreira de 1958 transcreve-se a passagem relativa ao diário das escavações efectuada na gruta da Ponte da Laje (Fig. 3).

3.10.1958 – segunda-feira

Fomos começar com 2 homens (Fig. 4) a limpeza da gruta da ponte da Lage – Oeiras a fim de eu e o Abade Roche explorarmos a dita gruta nos locais não explorados por Carlos Ribeiro.

4.10.1958 – terça-feira

Começamos a desobstruir e a desentulhara gruta, arrumando tudo à entrada como deve ser. Fiz e os dois muros de pedra à entrada para arrumar as terras retiradas de dentro. No fundo da gruta explorada por Carlos Ribeiro e depois de uma passagem muito desigual entra-se numa câmara larga e cheia de terra.

5.10.1958 – quarta-feira

O Padre Roche está com gripe e eu fui só á gruta. O trabalho continua bem e hoje durante a limpeza encontrou-se uma lâmina retocada muito boa, assim como fragmentos de cerâmica incisa.

6.10.1958 – quinta-feira

Continuamos a limpeza da gruta e devemos terminar tudo hoje à tarde. Amanhã começaremos o corte da entrada.

7.10.1958 – sexta-feira

Começamos o corte na encosta para a entrada da gruta. O Maxime Vaultier e o Dom Fernando de Almeida fizeram-me hoje companhia. Ao fim da tarde começaram a aparecer por baixo da camada de detritos da escavação de Carlos Ribeiro uma camada de terra vermelha com ossos humanos e sílex.

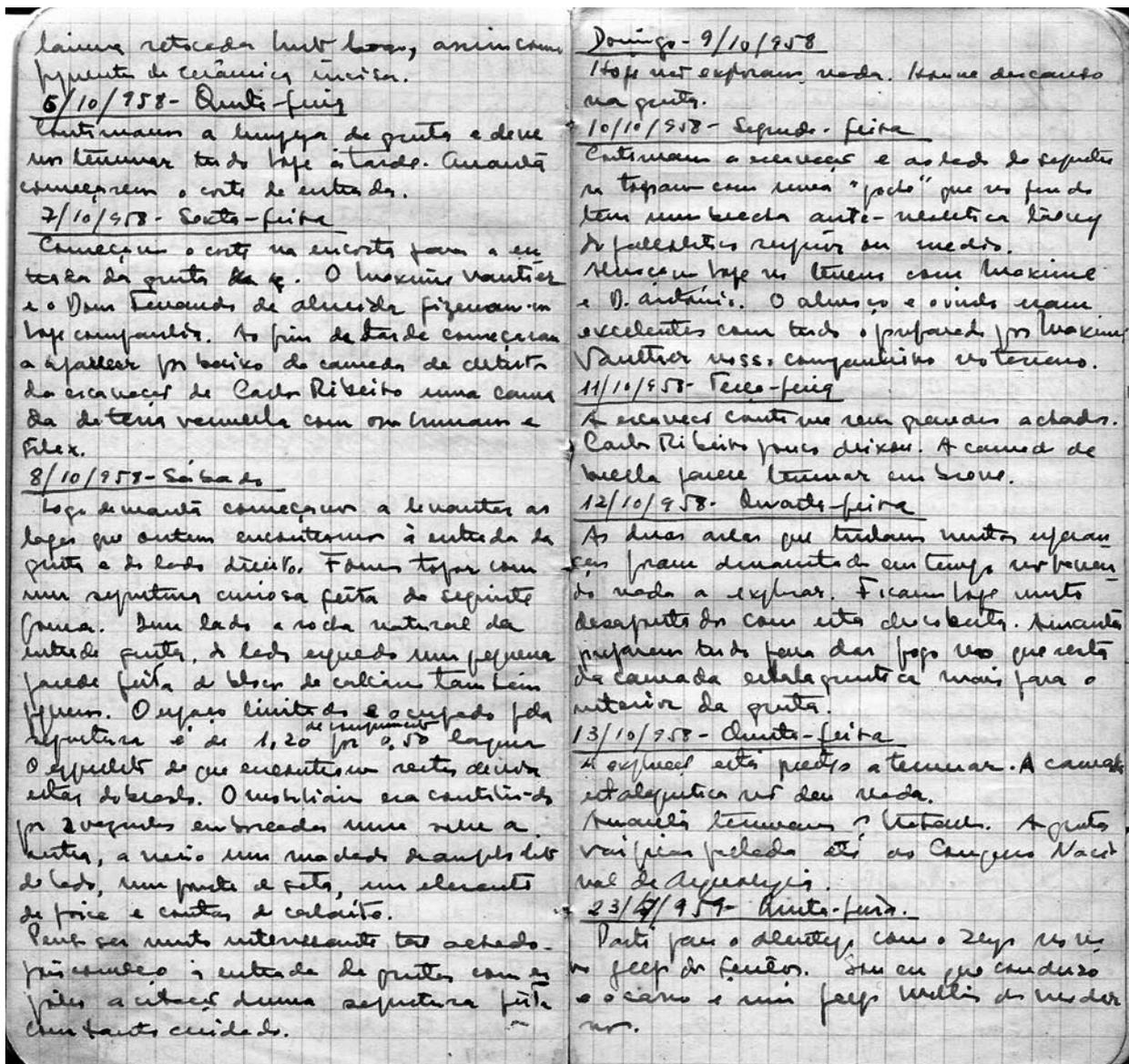


Fig. 3 - Gruta da Ponte da Laje. Trecho do diário das escavações realizadas sob orientação de O. da Veiga Ferreira em 1958 (arquivo O. da Veiga Ferreira).

8.10.1958 - sábado

Logo de manhã começamos a levantar as lajes que ontem encontramos à entrada da gruta e do lado direito. Fomos topar com uma sepultura curiosa feita da seguinte forma. Dum lado a rocha natural da entrada da gruta, do lado esquerdo uma pequena parede feita de blocos de calcário também pequenos. O espaço limitado ocupado pela sepultura é de 1,20 m de comprimento por 0,50 m de largura. O esqueleto de que encontramos restos devia estar dobrado. O mobiliário era constituído por 2 vasilhas emborcadas uma sobre a outra, a meio um machado de anfibolito de lado, uma ponta de seta, um elemento de foice e contas de calaite.

Penso ser muito interessante tal achado pois começa à entrada da gruta com espólio a [???] duma sepultura feita com tanto cuidado.

Domingo – 9 10 1958

Hoje não explorámos nada. Ouve descanso na gruta.

10 10 1958 – segunda-feira

Continuamos a escavação e ao lado da sepultura topamos com uma “poche” que no fundo tem uma brecha ante-neolítica talvez do Paleolítico superior ou médio.

Almoçámos hoje no terreno com Maxime e D. António. O almoço e o vinho eram excelentes como tudo o preparado por Maxime Vaultier nosso companheiro no terreno.

11.10.1958 – terça-feira

A escavação continua sem grandes achados. Carlos Ribeiro pouco deixou. A camada de brecha parece terminar em breve.

12.10.1958 – quarta-feira

As duas áreas que tínhamos muitas esperanças foram desmontadas em tempo não havendo nada a explorar. Ficamos hoje muito desapontados com esta descoberta. Amanhã preparamos tudo para dar fogo no que resta da camada estalagmítica mais para o interior da gruta.

13.10.1958 – quinta-feira

A exploração está prestes a terminar. A camada estalagmítica não deu nada. Amanhã terminamos os trabalhos. A gruta vai ficar fechada até ao Congresso Nacional de Arqueologia.

Pela leitura do diário das escavações, conclui-se que o resultado mais importante das cerca de duas semanas de trabalho realizado em Outubro de 1958, foi a identificação da sepultura, objecto da presente reavaliação, a qual havia sido anteriormente publicada nas Actas do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Lisboa logo no mês de Dezembro de 1958, apenas dois meses volvidos sobre a realização das escavações (VAULTIER, ROCHE & FERREIRA, 1959).

### 3 – CARACTERIZAÇÃO DA SEPULTURA

Como se conclui do diário das escavações e se indica no trabalho publicado, a sepultura individual identificada em 1958 situava-se do lado direito da entrada da gruta (Fig. 5), sob os entulhos acumulados aquando da primeira escavação da gruta, em 1879. Jazia em nível de terra vermelha, situação confirmada pela coloração da ganga argilosa que envolve os ossos do esqueleto, observados no Museu Geológico do LNEG.

A sepultura era delimitada de um dos lados (correspondente ao lado direito do esqueleto) pela parede da gruta, encontrando-se o outro lado delimitado por pequenos blocos calcários. O espaço assim criado não tinha o comprimento suficiente para a colocação de um corpo em posição estendida, pelo que aquele “tinha as pernas



**Fig. 4** – Gruta da Ponte da Laje. Aspecto da entrada da gruta, evidenciando-se a curvatura regular da mesma, obtida no decurso das escavações de 1958, com três trabalhadores que participaram nas escavações (arquivo O. da Veiga Ferreira).

metidas dentro de dois buracos naturais abertos na parede rochosa” (VAULTIER, ROCHE & FERREIRA, 1958, p. 112), concluindo-se deste modo que as pernas se encontrariam dobradas, conforme planta então publicada (Fig. 6).

#### 4 - ESPÓLIO RECOLHIDO

Conforme é relatado pelos escavadores, “A meio das pernas do indivíduo sepultado havia dois vasos cerâmicos, um dentro do outro e voltados ambos com a boca para baixo. Trata-se de uma taça baixa, com o bordo em aba (Fig. 7, n.º 10), e de um vaso afim dos “copos” do Calcolítico pré-campaniforme da



Fig. 5 – Gruta da Ponte da Laje. Localização da sepultura, do lado direito da entrada da gruta, no decurso da sua escavação (in VAULTIER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1959).

Estremadura portuguesa e provido, como estes, de decoração canelada, a qual tinha passado até agora despercebida (Fig. 7, n.º 9). Observando o bordo do recipiente, verifica-se que este se apresenta desgastado, como se tivesse sido regularizado por abrasão após a cosedura. A ser assim, é admissível que corresponda a um “copo” reaproveitado, o qual, depois de fracturado, foi regularizado, por forma a poder continuar em uso.

Do lado direito do corpo havia um machado de anfibolito do tipo primitivo (Fig. 7, n.º 8). Completava o espólio uma ponta de seta de sílex com rudimento de aletas (Fig. 6, n.º 5), dois fragmentos de lâminas de sílex, uma delas retocada, então identificada como dente de foice (Fig. 6, n.º 6 e 7), e algumas contas discóides de calaíte (Fig. 7, n.º 1 a 4) (VAULTIER, ROCHE & FERREIRA, 1959, p. 113).

Estes dados são condizentes com a informação apresentada pelo Director dos Serviços Geológicos de Portugal, Eng. D. António de Castello Branco, na reunião de 15 de Novembro de 1958 da Junta Nacional da Educação. Referindo a existência de três camadas, correspondendo a primeira a camada negra com entulhos modernos e a terceira a brecha calcária ferruginosa de idade paleolítica, praticamente estéril, associa a sepultura a camada intermédia, de coloração vermelha, cujo espólio era constituído por “2 vasilhas de barro, um machado de pedra polida, pontas de seta, laminas de sílex e contas de calaíte”.

#### 5 - CRONOLOGIA ABSOLUTA

Duas falanges humanas do indivíduo tumulado foram datadas pelo radiocarbono, usando a técnica AMS, no laboratório da Universidade de Waikato, por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, através do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Wk -34423 – 4170+/- 25 BP.

Fazendo uso do programa OXCalv4.1.7, Bronk Ramsey, 2010, obtiveram-se os seguintes intervalos, para dois sigma:

- 2880-2835 cal BC (19,8%);
- 2817-2667 cal BC (75,1%);
- 2643-2640 cal BC (0,5%).

Deste modo, conclui-se que a tumulação se terá efectuado entre 2880 e 2670 cal BC.

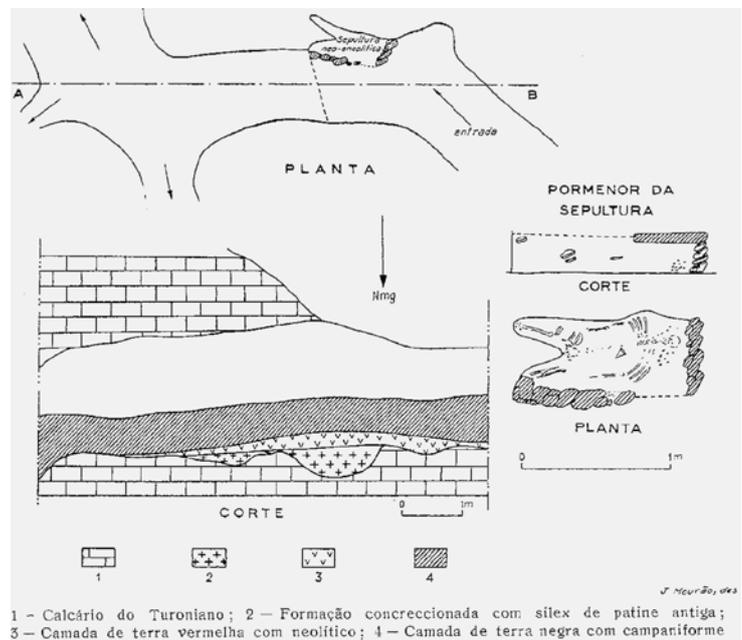
Este resultado é condizente com o Calcolítico Inicial, com base nos resultados cronométricos obtidos no povoado pré-histórico de Leceia, que situaram o começo do Calcolítico Inicial entre 2900 e 2800 cal BC (CARDOSO & SOARES, 1995) (Fig. 8).

## 6 - DISCUSSÃO

O estatuto desta sepultura individual deve ser discutido, no quadro da constituição da provável própria necrópole então instalada no interior da gruta, da qual fazia parte integrante, conforme é sugerido pelos escassos espólios atribuíveis à mesma época desta sepultura, recuperados nas escavações de 1879 (ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957), e que antecedeu a instalação da necrópole campaniforme, cujos espólios foram recentemente estudados (CARDOSO, 2013 b), tendo sido igualmente recolhidos diversos testemunhos da sua ocupação na Idade do Bronze (CARDOSO & CARREIRA, 1996).

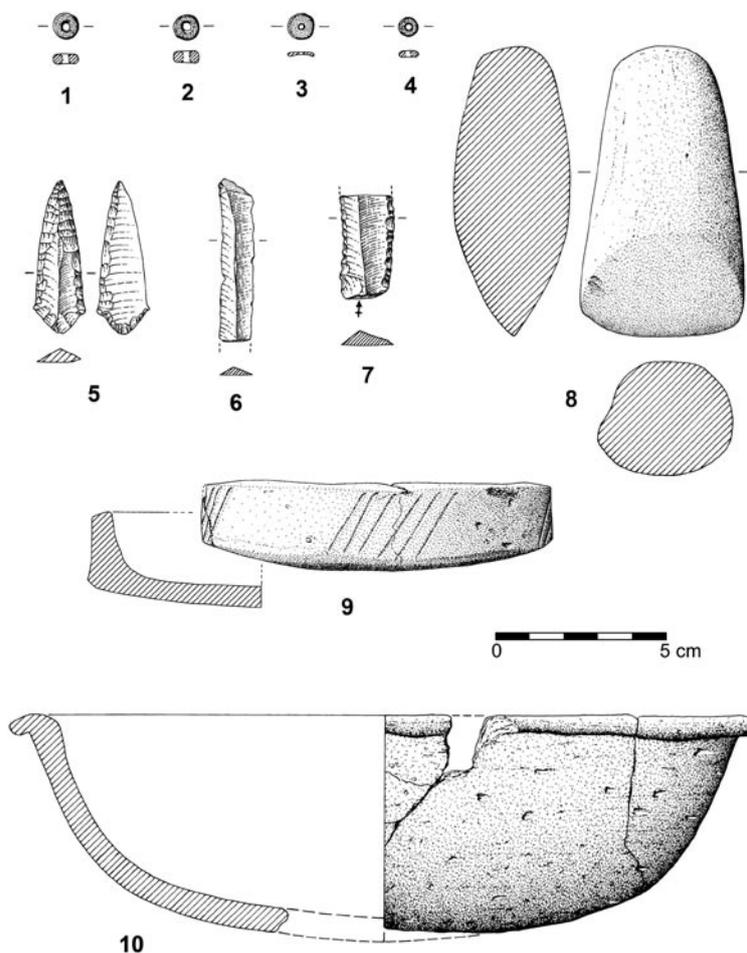
No respeitante aos materiais coevos da sepultura agora em análise, trata-se apenas de dois geométricos e de uma ponta de seta de base convexa, já que outra então assim também considerada, possuindo largo pedúnculo, foi ulteriormente considerada como ponta solutrense, sendo evidente a analogia com exemplar da gruta das Salemas, Loures, facto que justificou a sua reclassificação (CARDOSO, 1995). Deste modo, a necrópole, a ter existido no interior da gruta, não teria ultrapassado uma a duas sepulturas, realidade comparável à identificada em outras grutas naturais estremenhas, nas quais os escassos espólios do Neolítico Final fazem supor escassa utilização. Esta realidade decorre da própria dinâmica populacional inerente à ocupação e exploração dos correspondentes territórios ao longo do tempo, o que poderá justificar o abandono precoce de necrópoles, ou a sua reutilização recorrente, por vezes espaçada por longos períodos de abandono, reflexo dos sucessivos equilíbrios sócio-culturais estabelecidos entre os diferentes grupos humanos e entre estes e o próprio espaço geográfico em que viviam (CARVALHO & CARDOSO, 2015).

A sepultura ora reapreciada, a ter integrado ou não uma pequena necrópole colectiva, nem por isso perderia o seu carácter individual, constatação que conduz à conclusão de que, ainda na primeira metade do 3.º milénio a.C., muito provavelmente em torno de 2750 cal BC, a prática de tumulações individuais se manteria bem presente na região, ainda que integrando necrópoles colectivas, realidade exemplarmente expressa na necrópole instalada no decurso do Neolítico Final na Lapa do Bugio, Sesimbra (MONTEIRO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971, Est. 1). Com efeito, a maioria das sepulturas ali identificadas, correspondendo a deposições em decúbito dorsal, encontravam-se delimitadas entre si por pequenos muretes de pedra (Fig. 9), tal qual o verificado no caso em apreço.



**Fig. 6** – Gruta da Ponte da Laje. Planta da área intervencionada em 1958, com a localização e desenho da sepultura individual identificada em 1958 do lado direito da respectiva entrada. Observe-se a existência de um murete de blocos de pedra de pequenas dimensões (in VAULTIER, ROCHE & FERREIRA, 1959).

Tal realidade significa que, muito embora a transição da prática do sepultamento individual para o colectivo se tenha verificado na região cerca de 3800 cal BC, com a multiplicação, a partir daí da natureza dos sepulcros: dólmenes, grutas naturais, grutas artificiais, e, mais tarde, sepulturas colectivas de falsa cúpula (CARVALHO & CARDOSO, 2015), o certo é que a identidade dos tumulados foi preservada pela delimitação dos espaços ocupados pelos seus corpos. Esta realidade prossegue até à constituição das necrópoles colectivas campaniformes, onde se documentaram sepulturas estruturadas individualmente, tanto em espaços pela primeira vez ocupados naquela época, como a gruta natural da Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (LEITÃO *et al.*, 1984), como no âmbito da reocupação de antigas necrópoles colectivas, de que é exemplo a *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996) ou o dólmen de Montum, Santiago do Cacém, cuja câmara albergou dois enterramentos campaniformes bem individualizados (FERREIRA *et al.*, 1975).



**Fig. 7** – Gruta da Ponte da Laje. Espólio arqueológico associado à sepultura individual explorada em 1958.

Do ponto de vista arqueológico, o espólio associado a esta sepultura individual encerra assinalável interesse, já que é possível assegurar a contemporaneidade de todos os elementos que o integram, e porque ainda, nalguns casos, é conhecida a sua posição relativa.

A tipologia do machado de pedra polida e a ponta de seta de aletas laterais e pedúnculo configuram integração no Neolítico Final, tendo em consideração as comparações de âmbito regional, com destaque para o povoado pré-histórico de Leceia, a escassos 3,5 km para ENE. Com efeito, os machados de secção subcircular a subelipsoidal possuindo apenas a zona do gume bem polida são ali característicos dos contextos estratigráficos atribuídos ao Neolítico Final da Estremadura (CARDOSO, 1999/2000; CARDOSO, 2004), sendo alguns deles em anfibolito, como é o caso do presente exemplar.

Tal é também o caso da tipologia da ponta de seta, de pedúnculo e aletas, forma igualmente característica, em Leceia, da ocupação do Neolítico Final (CARDOSO, SILVA & SOARES, 1996; CARDOSO & MARTINS, 2013). Já a tipologia do recipiente baixo de paredes verticais inscreve-se claramente nos “copos” do Calcolítico pré-campaniforme com decoração canelada, podendo corresponder ao reaproveitamento de um exemplar fracturado, como acima se referiu. O melhor paralelo formal encontrado corresponde a exemplar recolhido na gruta artificial n.º 4 da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, 1965, Tf. 107, n.º 11), com decoração igualmente

feita por caneluras finas em reticulado oblíquo. Outro exemplar, proveniente da mesma necrópole, embora se desconheça a gruta, ostenta decoração simbólica de tatuagens faciais, usuais nos ídolos cilíndricos calcolíticos de calcário (*op. cit.*, Tf. 118, n.º 9).

No tocante ao restante espólio, as contas de mineral verde são comuns em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico da área estremenha, o mesmo se verificando com a lamela e o fragmento de lâmina retocada, atribuída pelos escavadores, como acima se disse, a dente serrilhado de foice. Quanto ao recipiente liso, a sua tipologia, caracterizada pela secção do bordo, em aba, é compatível com o Neolítico Final ou o Calcolítico Inicial, época em que o lábio destes exemplares deixam de ser decorados, tal qual o observado no presente exemplar com as características decorações denteadas (CARDOSO, 2007).

Igualmente importante é a forma como os dois recipientes jaziam no interior da sepultura, o menos dentro do maior e ambos emborcados, isto é, com a boca voltada para baixo.

Conhecem-se deposições funerárias onde diversos vasos foram colocados uns dentro dos outros, o que inviabilizaria a sua utilização como contentores de oferendas. Um dos casos melhor documentados foi registado na gruta artificial n.º 1 de S. Pedro do Estoril, Cascais, em que se observaram três taças em calote naquela situação (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, Est. 16, n.º 106). Outro conjunto nas mesmas condições foi ulteriormente identificado na *tholos* de Tituaría, Mafra, à entrada do corredor, igualmente constituído por três taças em calote (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 24). Fora da área estremenha, é de mencionar a ocorrência de um vaso campaniforme liso dentro do qual se encontrou uma taça em calote lisa, na sepultura campaniforme n.º 1 do dólmen de Montum, Santiago do Cacém (FERREIRA *et al.*, 1975, p. 167), a par da recolha, na *tholos* do Escoural, Montemor-o-Novo de duas taças em calote nas mesmas circunstâncias

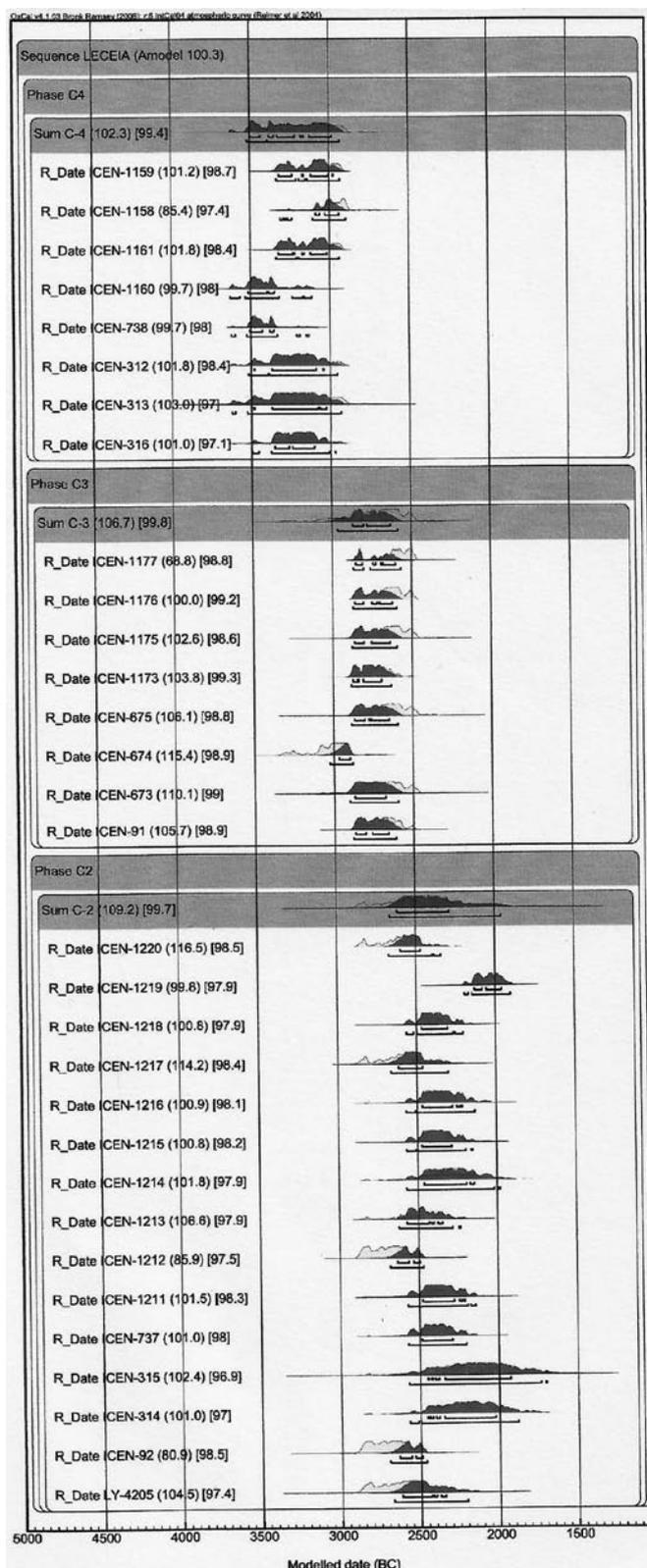


Fig. 8 – Datações absolutas do povoado pré-histórico de Leceia, evidenciando-se a correspondência entre as três fases culturais identificadas, com expressão estratigráfica, e a respectiva cronologia. C2 – Calcolítico e campaniforme; C3 – Calcolítico pré-campiforme; C4 – Neolítico Final.

(SANTOS & FERREIRA, 1969, Est. 6, n.º 60), embora nada seja dito quanto à posição dos dois recipientes no terreno. E, contudo, este aspecto é da maior relevância. Com efeito, embora entre os casos acima referidos, os recipientes se encontrassem em posição normal, isto é, com a abertura voltada para cima, tal situação não é a que correspondia aos recipientes da gruta da Ponte da Laje.

No povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo, Sesimbra, a ocorrência de dois recipientes colocados ritualmente com a abertura voltada para o solo, tal como os dois recipientes da gruta da Ponte da Laje, justificou trabalho monográfico, no qual se recolheram paralelos, embora todos eles de época mais moderna.

É o caso de dois vasos identificados sob o piso térreo de uma casa do século XVII/XVIII da ilha de São Vicente, República de Cabo Verde, colocados com a abertura voltada para baixo (CARDOSO, 2011). A intencionalidade deste tipo de deposições ao longo do tempo, passando pela Idade do Bronze e pela Idade do Ferro, pode relacionar-se a explícita perda de funcionalidade dos recipientes corporizando a dos próprios sítios onde foram depositados, decorrentes do seu abandono deliberado. Teria sido este o caso que explica a deposição invertida dos dois recipientes recolhidos nesta sepultura, constituindo a ocorrência cronologicamente mais próxima da situação, em tudo idêntica, documentada no povoado calcolítico do Outeiro Redondo. Deste modo, remontariam pelo menos ao Calcólítico práticas de deposição ritual de recipientes inteiros, associados tanto aos vivos, como aos mortos, correspondendo a um diversificado conjunto de situações, desde as de carácter fundacional até às de abandono, no primeiro caso, passando pelas de índole propiciatória ou funerária, onde por vezes os recipientes emborcados aprisionariam aves, prática documentada na Idade do Ferro e na Época romana no território português.

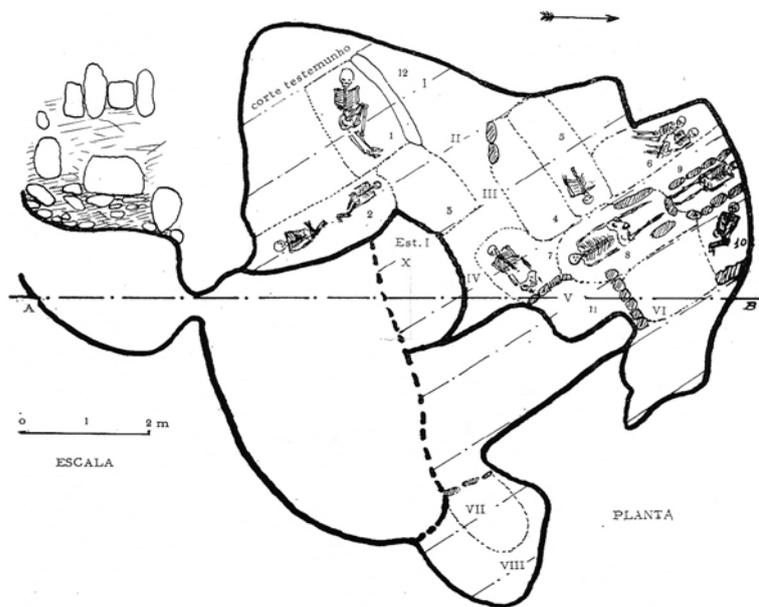


Fig. 9 – Planta da necrópole colectiva instalada no decurso do Neolítico Final na Lapa do Bugio, evidenciando-se a individualização de algumas das sepulturas que a constituem, através de muretes constituídos por blocos de pedra de pequenas dimensões (in MONTEIRO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971).

## 7 – CONCLUSÕES

1 – A sepultura da gruta da Ponte da Laje, apesar de se integrar provavelmente numa pequena necrópole colectiva então instalada no interior daquela gruta natural, revela marcada individualidade. Este aspecto assume importância relevante no quadro da interpretação da formação e significado das necrópoles colectivas que, a partir de cerca de 3800 cal BC se afirmam definitivamente na Estremadura, através de diversas variantes, como dolmenes, grutas naturais, grutas artificiais e, finalmente, já no 3.º milénio a.C., sepulturas de falsa cúpula.

Esta ocorrência vem sublinhar o facto de, embora colectivas, muitas deposições mortuárias da mesma época terem revestido preceitos que as individualizavam entre si. Menciona-se apenas um exemplo, da região estremenha, envolvendo igualmente o aproveitamento de uma gruta natural: na necrópole do Neolítico Final

da Lapa do Bugio, Sesimbra, identificaram-se delimitações de pequenos muretes de pedra solta que individualizavam as diversas tumulações ali efectuadas.

Deste modo, a relevância da sepultura individual identificada à entrada da gruta da Ponte da Laje, é claramente maior daquela que, à primeira vista, poderia supor-se.

2 – O espólio associado a esta sepultura constitui conjunto coevo, representativo das oferendas que acompanhariam o inumado. A sua tipologia indica período de transição entre o Neolítico Final e o início do Calcolítico, susceptível de se integrar no Calcolítico Inicial, dada a ocorrência de um recipiente claramente integrado nos “copos” canelados característicos do Calcolítico pré-campaniforme da Estremadura. Nessa época, perdurariam ainda produções de tradição neolítica, como as pontas de seta pedunculadas com aletas laterais e os machados de secção subcircular polidos apenas junto do gume, conforme se verificou no povoado de Leceia, situado a apenas 3,5 km de distância. A datação absoluta obtida é compatível com essa fase inicial do Calcolítico, em torno de 2750 cal BC.

3 – A posição ritual observada nos dois recipientes cerâmicos recolhidos, um dentro do outro e com a abertura voltada para baixo, corporiza prática ritual já anteriormente documentada, na mesma época, no povoado calcolítico do Outeiro Redondo, Sesimbra. Naquele caso, tal prática corporizaria o abandono do sítio habitado, enquanto neste simbolizaria a quebra com o mundo dos vivos, deixando de, por essa via, continuarem a constituir, como até então, artefactos utilitários.

## AGRADECIMENTOS

Ao Doutor Miguel Magalhães Ramalho e ao Sr. José António Anacleto, por terem, respectivamente, autorizado e apoiado o estudo dos materiais conservados no Museu Geológico do LNEG. E a Bernardo L. Ferreira e Filipe Martins, por terem executado o desenho dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 23/1).
- CARDOSO, J. L. (1995) – Novas escavações na gruta da Ponte da Laje (Oeiras). Revisão dos materiais paleolíticos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 49-66.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2004) – Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madridier Mitteilungen*. Mainz. 45, p. 1-32.
- CARDOSO, J. L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratiográfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2011) – Deposições rituais de vasos cerâmicos em contextos domésticos: os exemplares do povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, p. 85-106.
- CARDOSO, J. L. (2013 a) – Carlos Ribeiro e Oeiras. Razões de uma Homenagem. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 11-20.

- CARDOSO, J. L. (2013 b) – A necrópole campaniforme da gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 589-604.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 341-450.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2013) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 357-524.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-89.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. V.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. F. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaría, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARVALHO, A. F. & CARDOSO, J. L. (2015) – Insights on the changing dynamics of cemetery use in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. Radiocarbon dating of Lugar do Canto cave (Santarém). *SPAL*. Sevilha. 24, p. 35-53.
- FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & SOUSA, H. R. (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. Tafeln*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen, Band 1/3).
- LEISNER, V.; PAÇO, A. & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. V. & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In GUILAINE, J. (dir.), *L'Âge du Cuivre européen*. Civilisations a vases campaniformes. Paris : CNRS, p. 221-239.
- MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1971) – Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio (Azóia-Sesimbra). *2.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta da Educação Nacional, 2, p. 107-120.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. I – Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. II – Monumentos megalithicos das vizinhanças de Bellas*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.
- SANTOS, M. F. & FERREIRA, O. V. (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, p. 37-62.
- SOARES, A. M. M. & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 263-276.
- VAULTIER, M.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. V. (1959) – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 111-114.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. & VIANA, A. (1957) – A gruta pré-histórica da Ponte da Laje (Oeiras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 389-400.